

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE EM OSÓRIO
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA**

MARLENE GOMES COLOMBO

ALFABETIZAÇÃO E AUTISMO:

A importância da revisão das práticas utilizadas no ambiente escolar

**OSÓRIO
2023**

MARLENE GOMES COLOMBO

ALFABETIZAÇÃO E AUTISMO:

A importância da revisão das práticas utilizadas no ambiente escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, na Unidade em Osório, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Orientadora:

Prof^ª. Dra. Luciane Sippert Lazzanov.

OSÓRIO

2023

Catalogação de Publicação na Fonte

C718a Colombo, Marlene Gomes.
Alfabetização e autismo: a importância da revisão das práticas utilizadas no ambiente escolar / Marlene Gomes Colombo. – Osório, 2023.
52 f.

Orientador: Prof. Luciane Sippert Lazzanova.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Pedagogia - Licenciatura, Osório, 2023.

1. Alfabetização. 2. Aprendizagem. 3. Estratégias. 4. Letramento. 5. Transtorno do Espectro Autista (TEA). I. Lazzanova, Luciane Sippert. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Laís Nunes da Silva CRB10/2176.

RESUMO

A alfabetização e o letramento são processos essenciais para o desenvolvimento educacional de todas as crianças, no entanto, para aquelas que têm Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse processo pode ser particularmente desafiador e, por essa razão, é crucial que as práticas empregadas no ambiente escolar sejam minuciosamente avaliadas e adaptadas para atender às necessidades específicas desses alunos. Nesse sentido, o objetivo geral desse estudo foi investigar a importância de revisar as práticas pedagógicas e interativas e suas respectivas aplicações na Alfabetização. Para tanto procurou-se contemplar os seguintes objetivos específicos: analisar a importância de se rever as práticas educativas com alunos autistas; verificar quais os distanciamentos interativos que dificultam a alfabetização de crianças autistas no ambiente escolar; explorar a relação entre autismo e educação escolar e refletir sobre técnicas didático-metodológicas para trabalhar com os processos de Alfabetização e letramento de alunos autistas. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida a partir de uma abordagem explicativa e descritiva, para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa, utilizando as bases de dados Google Acadêmico (*Scholar*) e *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, no período de 2017 a 2023. Os resultados evidenciaram que as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar dificuldades em adquirir habilidades linguísticas e sociais, mas quando participam de programas intensos de educação, é possível observar melhorias significativas em sua linguagem, habilidades motoras, interação social e aprendizagem e, para que as crianças autistas possam participar ativamente das aulas, é importante estimular sua interação com os outros alunos e traçar estratégias para que eles não apenas estejam presentes na sala de aula, mas participem ativamente das atividades.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Estratégias. Letramento. Transtorno do Espectro Autista (TEA).

ABSTRACT

Literacy and literacy are essential processes for the educational development of all children, however, for those who have Autistic Spectrum Disorder (ASD), this process can be particularly challenging and, for this reason, it is crucial that the practices employed in the school environment are thoroughly evaluated and adapted to meet the specific needs of these students. In this sense, the general objective of this study was to investigate the importance of revisiting pedagogical and interactive practices and their respective applications in Literacy. Therefore, we tried to contemplate the following specific objectives: to analyze the importance of reviewing educational practices with autistic students; verify which are the interactive distances that hinder the literacy of autistic children in the school environment; explore the relationship between autism and school education and reflect on didactic-methodological techniques to work with the Literacy and literacy processes of autistic students. This qualitative research was developed from an explanatory and descriptive approach, for this, a narrative bibliographic review was carried out, using the Google Scholar (Scholar) and Scientific Electronic Library Online (Scielo) databases, from 2017 to 2023. The results showed that children with Autistic Spectrum Disorder (ASD) may have difficulties in acquiring linguistic and social skills, but when they participate in intense education programs, it is possible to observe significant improvements in their language, motor skills, social interaction and learning and , so that autistic children can actively participate in classes, it is important to encourage their interaction with other students and devise strategies so that they are not only present in the classroom, but actively participate in activities.

Keywords: Literacy. Learning. Strategies. Literacy. Autistic Spectrum Disorder (ASD).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. METODOLOGIA.....	09
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3.1 EDUCAÇÃO E SUAS RESPECTIVAS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO: POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL.....	12
3.1.1 Abordagens pedagógicas na Alfabetização.....	15
3.1.2 Alfabetização e a Inclusão escolar.....	17
3.2 EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO, LEGISLAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	19
3.2.1 Formação de professores: atendimento aos alunos com necessidades especiais.....	24
3.3 EDUCAÇÃO: A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	28
3.3.1 A abordagem Educacional para Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	30
3.3.2 Desafios e Possibilidades na Educação de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	32
3.4 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	34
3.4.1 Parceria com a Família e Profissionais da Saúde.....	43
3.4.2 Avaliação e Monitoramento do Processo de Alfabetização.....	45
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Este estudo contempla a relação entre o Autismo e Alfabetização. No que tange a sua delimitação temática, esta versará acerca da importância de se repensar as práticas educativas e interativas para atender aos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O processo de Alfabetização de crianças com TEA demandará do professor alfabetizador a utilização de novas abordagens de ensino e aprendizagem, bem como uma visão centrada no aluno e em sua capacidade de aprender a ler e escrever (BARRETO, 2021).

O professor precisará buscar conhecimentos, estratégias e recursos pedagógicos inovadores para tornar sua prática mais inclusiva e participativa, já que a alfabetização dessas crianças é um caminho para promover sua autonomia e integração na vida social.

O Autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da criança e, essas dificuldades podem impactar diretamente no processo de aprendizagem, tornando necessário uma revisão das práticas utilizadas no ambiente escolar (CRUZ, 2022).

Nesse sentido, é fundamental que os professores entendam as particularidades das crianças com Autismo e adaptem suas metodologias de ensino para atender às suas necessidades específicas e, isso pode incluir o uso de recursos visuais, aulas mais estruturadas e uma maior atenção às questões de comunicação e, a família também deve ser envolvida no processo, uma vez que ela tem um papel fundamental na educação da criança com Autismo.

A limitação na interação social é uma das principais características do TEA, o que impacta diretamente no processo de Alfabetização e Letramento dessas crianças e, essa situação é o foco desta abordagem, visto que é necessário utilizar recursos específicos para promover o melhor desenvolvimento dos alunos (PEIXOTO *et al.*, 2022).

A Alfabetização é uma etapa crucial na vida das crianças com autismo e exige uma abordagem cuidadosa e adaptada às suas necessidades específicas. Com uma revisão cuidadosa das práticas utilizadas no ambiente escolar e o envolvimento da família, é possível garantir que essas crianças tenham as mesmas oportunidades de aprendizado que as outras crianças.

A temática se aproxima da vivência do professor visando investigar a importância de revisitar as práticas pedagógicas e interativas e suas respectivas aplicações na Alfabetização.

O problema dar-se-á a partir do questionamento de como as práticas educativas e interativas em relação ao aluno com Autismo podem ser revistas como uma potente ferramenta contemporânea?

As hipóteses são as seguintes: O cotidiano da sala de aula permite perceber que as práticas pedagógicas estão intrinsecamente defasadas em relação ao mundo contemporâneo; a Alfabetização apresenta um novo cenário à criança autista, desenvolvendo-se interatividade eficiente e o contexto escolar permite ao professor proporcionar ambientes diferenciados e interativos de aprendizagem, levando o aluno autista a ter uma melhor compreensão do que se ensina.

Justifica-se a importância desse tema devido à necessidade de revisão das práticas pedagógicas e de interatividade em relação aos alunos com Autismo. O Autismo é um transtorno de desenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da criança, o que pode tornar o processo de aprendizagem mais desafiador. Com a evolução das descobertas na área da saúde e políticas públicas, o Autismo está se apresentando diante de um novo cenário, exigindo uma abordagem mais cuidadosa e adaptada às necessidades específicas das crianças com Autismo, portanto, é fundamental repensar as práticas educacionais e interativas, a fim de proporcionar um ambiente de aprendizagem inclusivo e que atenda às necessidades de todos os alunos, incluindo os com Autismo.

O objetivo geral é investigar a importância de revisitar as práticas pedagógicas e interativas e suas respectivas aplicações na Alfabetização e, os objetivos específicos são: analisar a importância de se rever as práticas educativas com alunos autistas; verificar quais os distanciamentos interativos que dificultam a Alfabetização de crianças autistas no ambiente escolar; explorar a relação entre autismo e educação escolar e refletir sobre técnicas didático-metodológicas para trabalhar com os processos de Alfabetização e letramento de alunos autistas.

Para tanto este trabalho está organizado em oito capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se a introdução fazendo a contextualização do tema, trazendo as perguntas e hipóteses de pesquisa, bem como a justificativa do tema e os objetivos. No segundo, apresenta-se a educação e suas respectivas práticas de alfabetização sendo as políticas públicas, as abordagens pedagógicas na alfabetização e a inclusão

escolar. No terceiro, apresenta-se a Educação especial no Brasil contexto histórico, legislação e formação de professores, a formação de professores: atendimento aos alunos com necessidades especiais. No quarto capítulo, apresenta-se a educação e a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a abordagem educacional para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), desafios e Possibilidades na Educação de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No quinto capítulo foram abordadas as práticas de alfabetização para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), introdução ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e alfabetização, estratégias de ensino individualizado, parceria com a Família e profissionais da saúde e a avaliação e monitoramento do processo de Alfabetização. No sexto capítulo apresenta-se a metodologia. No sétimo capítulo apresenta-se as considerações finais.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, desenvolvida a partir de uma abordagem explicativa e descritiva, para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa, utilizando as bases de dados Google Acadêmico (*Scholar*) e *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, no período de 2017 a 2023.

As palavras-chave utilizadas foram: Alfabetização, Aprendizagem, Estratégias, Letramento e Transtorno do Espectro Autista. Os critérios de inclusão foram estudos escritos em português que abordassem o tema do ensino da leitura e escrita para crianças com TEA, foram analisados 39 artigos. 15 estudos não relacionados diretamente com o tema ou que não apresentassem resultados relevantes foram excluídos.

Após a seleção dos artigos, foi realizada a leitura e análise crítica destes. Foram identificadas informações relevantes para a revisão, visando à síntese das principais conclusões e contribuições dos estudos selecionados. Os resultados obtidos foram apresentados de forma clara e objetiva.

Quadro 1: Autores utilizados na pesquisa

AUTOR	ANO	TÍTULO
ABDALLA, M. F. B.; DE ALMEIDA, P. C. A	2020	Formação de Professores no Brasil e na América Latina na perspectiva da educação inclusiva
ALMEIDA, I. C. A.; RIBEIRO, S. L.	2022	Alfabetização de alunos com TEA: a centralidade nas diferenças e potencialidades do sujeito
BARCELLOS, L.; COELHO, G. R. G. R.	2022	Formação de professores de ciências, práticas pedagógicas e alfabetização científica humanizadora
BARRETO, M. F.	2021	Alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).
BIANCHI, V. A.; LEPRE, R. M.; CAMPANHARO, A. S.	2022	A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).
BORDIGNON, L. H. C.; PAIM, M. M. W	2017	Alfabetização no Brasil: um pouco de história

BRITES, L.; BRITES, C.	2019	Mentes únicas: Aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial
CRUZ, S. A. P	2022	Educação inclusiva e autismo: teoria e prática para o processo de alfabetização: Autismo
CUNHA, E.	2020	Autismo e inclusão psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família
DA SILVA BALBINO, V.; DE OLIVEIRA, I. C.; DA SILVA, R. C. D.	2021	As tecnologias digitais como instrumentos mediadores no processo de aprendizagem do aluno com Autismo
DA SILVA, C. A. <i>et al.</i>	2020	Desafios da docência no processo de alfabetização dos alunos com necessidades educacionais especiais
DA SILVA, J. P. A.; ALVES, P. S. D.; SOARES, Z. C. B	2022	A formação do professor no âmbito do Serviço de Atendimento Educacional Especializado.
DE ARAÚJO, J. B.	2021	O Autismo no Brasil: no processo histórico, inclusivo e terapêutico
DE CARVALHO FERREIRA, F. M. E.; DE SOUZA, D. Q. M.	2022	Políticas públicas de Educação Especial no Brasil e seus desafios para a efetivação da inclusão escolar dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista no contexto da pandemia do covid-19
DOS SANTOS, A. C. P.	2022	Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil: a importância docente.
DAMASCENO, A. R.; CRUZ, I. D	2021	Inclusão em educação e a formação de professores em perspectiva: entre velhos dilemas e desafios contemporâneos
FILTRO, A	2018	Teorias e abordagens pedagógicas
FOCHEZATTO, R.; DE OLIVEIRA SCHERER, A. P	2021	Título das habilidades socioemocionais na educação infantil: relações subjetivas
FRANCIOLI, F. S.; DE BRITO SOBRAL, D. P.	2021	A educação no Brasil à luz do método pedagógico dos jesuítas

FREITAS, M. C. M. A.; MONTALVÃO, D. C. P.	2021	Desafios na Alfabetização de crianças com TEA
GUEDES, G. B. B.; FERREIRA, V. L. C.	2021	Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental.
GONTIJO, C. M. M.	2022	Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais
KRAMER, S.	2019	Alfabetização: dilemas da prática.
MACIEL, F. I. P.; CASTANHEIRA, M. L.; MARTINS, R. M. F.	2018	Alfabetização e letramento na sala de aula.
MELIM, A. P. G.; ALMEIDA, O. A.	2018	. Políticas públicas, formação de professores e práticas de alfabetização e letramento: o curso de especialização em docência na educação infantil
MARCHI, L. P.; ESTREMOTE, M. A.; MALFARA, F. K. S.	2022	MARCHI, L. P.; ESTREMOTE, M. A.; MALFARA, F. K. S. Sistema de aprendizagem para alunos com autismo na Educação Infantil: Espectrau
PASINATO, D. F.	2022	Educação especial na perspectiva da educação inclusiva a partir da formação dos docentes
PASQUIM, F. R.	2022	Antonio da Silva Jardim na história do ensino de leitura e escrita no Brasil.
PEIXOTO, P. A. B. <i>et al.</i>	2022	Alfabetização e letramento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA).
POLETTO, L.; SILVA, A. C. S.	2022	A formação do professor no contexto da educação inclusiva
RONDINI, C. A.; MARTINS, B. A.; DE MEDEIROS, T. P. T.	2021	Diretrizes legais para o atendimento do estudante com altas habilidades/superdotação
SANTANA, T.; BEZERRA, R.; COSTA, A.	2022	Formação docente e inclusão: caminhos de construção
SERRA, D.	2020	Alfabetização de alunos com TEA
SEWALD, S.; PORTELINHA, Â. M. S.; ROCHA, M. M.	2023	A formação de professores e a organização do trabalho pedagógico: desafios para educação dos alunos com TEA
SOARES, M	2020	Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.
TEIXEIRA, L.; DA SILVA, T.	2021	Os discursos da política nacional de alfabetização e suas representações
VERDAM, L. L.; AVELINO, W. F	2021	Alfabetização e letramento: no processo de ensino e aprendizagem.
XAVIER, M. V.	2023	Escolarização de alunos com transtorno do espectro autista: desafios e possibilidades

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 EDUCAÇÃO E SUAS RESPECTIVAS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO: POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL

Desde o início da colonização, entre 1500 e 1882, a educação não recebeu a devida atenção dos colonizadores e permaneceu limitada a um grupo seletivo. Durante o período colonial, a educação foi caracterizada pela catequização promovida pelos padres jesuítas, que buscavam converter os nativos indígenas à fé cristã, enquanto os filhos dos colonos recebiam educação em espaços bem estruturados, os índios improvisavam escolas em reduções jesuíticas para suas aulas (GUEDES; FERREIRA, 2021).

O ensino oferecido aos filhos dos portugueses era mais abrangente e aprofundado, abrangendo o estudo das letras além da educação religiosa. Isso refletia a forte desigualdade na educação promovida pela elite colonial brasileira e, a educação letrada era destinada exclusivamente aos homens, enquanto as mulheres eram educadas apenas para a vida doméstica e religiosa (FRANCIOLI; DE BRITO SOBRAL, 2021).

Segundo Guedes e Ferreira (2021), a educação jesuíta adotava um currículo geral que incluía o ensino de gramática, humanidades, retórica, filosofia e teologia, e se manteve ativa no Brasil por dois séculos. No entanto, por volta de 1750, a ordem começou a sofrer um declínio e, uma década depois, os jesuítas foram expulsos do país. A expulsão dos jesuítas levou a uma completa remodelação do sistema educacional brasileiro, o que resultou em uma ausência de um novo modelo escolar estruturado por dez anos.

Posteriormente, as reformas implementadas por Marquês de Pombal trouxeram alguns avanços na criação de um ensino público no país, como a criação das aulas régias. As aulas régias marcaram o surgimento do ensino público oficial e secular no Brasil, que até então estava sob o controle da Igreja, que também tinha influência sobre a cultura, as artes e outras áreas (FRANCIOLI; DE BRITO SOBRAL, 2021).

No entanto, as aulas régias eram ministradas nas casas dos professores, o que dificultava a formação desses profissionais pelo governo português e deixava muitos jovens sem acesso ao ensino. Nesse contexto, não havia uma sistematização da

idade escolar e as crianças eram atendidas a partir dos sete anos de idade, sem limite de tempo de estudo. Apesar da Proclamação da Independência brasileira em 1822, não houve avanços significativos na educação nacional (PEIXOTO *et al.*, 2022).

Durante o período imperial (1822-1889), a educação era de responsabilidade do Estado, mas tinha um caráter religioso e estava disponível apenas para a elite. Somente alguns filhos de colonos brancos do sexo masculino tinham acesso ao ensino básico, com o objetivo de evangelização. Não existiam escolas públicas básicas naquela época e a taxa de analfabetismo era alta, com 85% da população sendo analfabeta. Além disso, a alfabetização disponível para os poucos que tinham acesso era bastante precária.

As políticas públicas de investimentos na educação no Período Imperial eram inexistentes e justificadas em razão do Brasil não disponibilizar recursos econômicos pelo fato de pagar à Inglaterra dívidas referentes à construção de estradas de ferro, aparelhos para os portos, entre outros, que levavam o Brasil a realizar mais empréstimos, deixando a educação à mercê. Outro fator que interferia nos investimentos para a educação era porque a aristocracia rural brasileira priorizava a educação para a formação de seus intelectuais com fins de representatividade política, discriminando o trabalho intelectual do manual com vistas à organização e consolidação do capital (BORDIGNON; PAIM, 2017, p. 92).

Em 11 de abril de 2019, foi sancionado o decreto nº. 9765, que instituiu a Política Nacional de Alfabetização. A referida política foi efetivada por ações e atividades com o objetivo de promover a Alfabetização e combater o analfabetismo. Destaca-se que neste decreto são considerados XI pontos relevantes para o sucesso da Política Nacional de Alfabetização, que por sua vez constam no “Art. 2º: I – Alfabetização; II – Analfabetismo absoluto; III – Analfabetismo funcional; IV – Consciência fonêmica; V – Instrução fônica 7 sistemáticas; VI – Fluência em leitura oral; VII – Literacia; VIII – Literacia familiar; IX – Literacia emergente; X – Numeracia e XI – Educação não formal”. Assim, os fatores enumerados contemplam várias tipologias que elencam um processo de alfabetização satisfatório.

Entende-se um processo de alfabetização satisfatório aquele que inclui elementos em sua totalidade que são relevantes para possibilitar a Alfabetização na idade certa. Pois inclui literacia, numeracia, família, atenção e combate ao analfabetismo. A política nacional de alfabetização foi instituída em 2019, com base em argumentos e objetivos cujo visam aspectos de integração e cooperação entre as esferas federativas (BRASIL, 2019).

Destaca-se também a apresentação de componentes fundamentais, no ensino, para ocorrer o processo de alfabetização, como por exemplo, é possível citar a consciência fonêmica; a fluência em leitura oral, a compreensão de textos e sua produção escrita, o que por sua vez possibilita um desenvolvimento de vocabulário de forma mais eficaz. Dessa forma, o processo de alfabetização se dá de maneira mais completa, pois tem os padrões orientados pela política nacional de Alfabetização (SOARES, 2020).

De acordo com o Art. 4º, ainda na política nacional de alfabetização, há objetivos que precisam ser considerados e olhados com atenção, no processo de alfabetizar. Visto que, são objetivos que possuem ideais para uma alfabetização de sucesso e com a qualidade necessária que a referida etapa escolar anseia. Assim, no Art. 4 busca-se;

Elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem no âmbito da alfabetização, da literacia e da numeracia, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental, por meio de abordagens cientificamente fundamentadas; Assegurar o direito à Alfabetização a fim de promover a cidadania e contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país; impactar positivamente a aprendizagem no decorrer de toda a trajetória educacional, em suas diferentes etapas e níveis; Promover o estudo, a divulgação e a aplicação do conhecimento científico sobre literacia, alfabetização e numeracia (BRASIL, 2019).

No Brasil, ainda não se encontrou uma solução eficaz para trazer a alfabetização para a era da globalização e, em um mundo em constante mudança, é necessário adaptar as políticas educacionais para atender às necessidades emergentes de alfabetização, isso pode incluir o uso de tecnologia e recursos digitais para a alfabetização, bem como a adaptação de materiais didáticos para atender às necessidades de diferentes grupos de alunos (TEIXEIRA; DA SILVA, 2021).

A escola brasileira enfrenta dificuldades em conciliar práticas antigas e inovações, sem apresentar resultados satisfatórios para atender às demandas atuais e ao aumento da população, infelizmente, muitas crianças que permanecem na escola acabam aprendendo apenas o básico necessário para dominar o alfabeto, mas não conseguem compreender o significado dos textos que leem e, isso resulta em analfabetos "funcionais", produto de uma escola que ainda não encontrou uma maneira de fornecer uma alfabetização completa na idade adequada (GONTIJO, 2022).

Infelizmente, muitos resistem em buscar novas abordagens, mas é importante destacar que a inovação não precisa ser algo radical ou complexo, contudo, consiste em ser crucial enfatizar que muitas crianças na fase de alfabetização não são adequadamente alfabetizadas, o que gera lacunas graves no ensino. Infelizmente, esses estudantes são promovidos de ano escolar sem terem a base necessária, o que leva ao problema dos "analfabetos funcionais" (PASQUIM, 2022).

3.1.1 Abordagens pedagógicas na alfabetização

A alfabetização é uma das etapas mais importantes da educação básica, pois é a partir dela que os alunos adquirem as habilidades necessárias para ler e escrever, habilidades essas que são fundamentais para a construção do conhecimento em todas as áreas do saber, por isso, a escolha da abordagem pedagógica utilizada na alfabetização é de extrema importância, uma vez que ela pode influenciar significativamente a qualidade da aprendizagem e o desenvolvimento das crianças (SOARES, 2020).

Existem diversas abordagens pedagógicas na alfabetização, cada uma com suas particularidades e propostas metodológicas, uma das abordagens mais tradicionais é a cartilha, que consiste em um conjunto de lições sequenciais, nas quais as crianças aprendem primeiro as letras, depois as sílabas e, por fim, as palavras e frases e, essa abordagem é bastante criticada por ser mecânica e pouco significativa, mas ainda é utilizada em muitas escolas (FILTRO, 2018).

Outra abordagem pedagógica bastante conhecida é a construtivista, que valoriza a construção do conhecimento pelo próprio aluno, nessa abordagem, o professor atua como mediador do processo de aprendizagem, incentivando a descoberta e a investigação pelos alunos e, essa abordagem é considerada mais significativa e envolvente, pois possibilita ao aluno construir seu próprio conhecimento a partir de suas vivências e experiências (KRAMER, 2019).

A abordagem socioconstrutivista, por sua vez, tem como base a interação social e a construção do conhecimento em conjunto, nessa abordagem, o professor cria situações de aprendizagem que estimulam a colaboração e a troca de ideias entre os alunos, de forma a construir um conhecimento coletivo e significativo, essa abordagem valoriza o trabalho em grupo e a diversidade de ideias e perspectivas (POLETTTO; SILVA, 2022).

Uma abordagem mais recente na alfabetização é a metodologia fônica, que tem como objetivo ensinar as crianças a decodificar a escrita a partir do som das letras, nessa abordagem, o professor ensina as relações entre letras e sons de forma sistemática e progressiva, a partir de atividades que envolvem a análise e a síntese de palavras. Essa abordagem tem sido bastante estudada e debatida atualmente, sendo considerada eficaz por muitos especialistas (FILTRO, 2018).

A abordagem bastante utilizada é a pedagogia *Waldorf*, que valoriza a aprendizagem lúdica e a vivência do conteúdo, nessa abordagem, o professor utiliza atividades artísticas e sensoriais para ensinar a escrita e a leitura, buscando desenvolver a imaginação e a criatividade dos alunos e, essa abordagem tem como base a antroposofia, que busca integrar o ser humano com o mundo e com a natureza (BARCELLOS; COELHO, 2022).

A abordagem Montessoriana, por sua vez, tem como base a autonomia do aluno e a aprendizagem pela descoberta, nessa abordagem, o professor apresenta materiais pedagógicos específicos que permitem ao aluno experimentar e explorar os conceitos de escrita e leitura de forma independente e, essa abordagem valoriza o respeito ao ritmo e ao desenvolvimento individual de cada aluno (VERDAM; AVELINO, 2021).

A abordagem Freireana na alfabetização tem como base a Pedagogia do Oprimido, obra escrita por Paulo Freire, que propõe uma educação libertadora e transformadora, nessa abordagem, o professor não é visto como detentor do conhecimento, mas como mediador do processo de aprendizagem, que deve ser construído em conjunto com os alunos, a abordagem Freireana valoriza a leitura crítica do mundo e a alfabetização como um meio para a conscientização e a transformação social (FILTRO, 2018).

Na alfabetização a abordagem sociointeracionista, que tem como base a teoria de Vygotsky. Essa abordagem destaca a importância da interação social no processo de aprendizagem, considerando que o conhecimento é construído a partir das relações sociais e das experiências compartilhadas, nessa abordagem, o professor atua como mediador do processo de aprendizagem, incentivando a interação entre os alunos e criando situações de aprendizagem significativas e, a Alfabetização é vista como um processo gradual, que se desenvolve a partir da interação com a linguagem escrita e a prática da leitura e da escrita (KRAMER, 2019).

Outra prática pedagógica que tem sido muito valorizada na alfabetização é o letramento, o letramento envolve não apenas o aprendizado da leitura e da escrita, mas também o desenvolvimento de habilidades comunicativas e de compreensão crítica do mundo, nesse sentido, a prática do letramento inclui o desenvolvimento de habilidades de interpretação e produção de textos, a compreensão de diferentes linguagens e mídias, e a reflexão sobre as práticas sociais e culturais envolvidas na produção e uso da linguagem escrita (SOARES, 2020).

A abordagem Multiletramentos tem sido cada vez mais valorizada na alfabetização, considerando a diversidade de linguagens e mídias presentes na sociedade contemporânea, essa abordagem destaca a importância de desenvolver habilidades comunicativas em diferentes linguagens, incluindo a leitura e escrita, a linguagem oral, a linguagem visual, entre outras (BARCELLOS; COELHO, 2022).

Nessa abordagem, o professor atua como mediador do processo de aprendizagem, incentivando a exploração de diferentes linguagens e mídias, e criando situações de aprendizagem que promovam o desenvolvimento de habilidades multiletradas, a alfabetização é vista como um processo contínuo, que se estende ao longo da vida, e que envolve a reflexão crítica sobre as práticas sociais e culturais envolvidas no uso da linguagem (FILTRO, 2018).

Em todas essas abordagens e práticas pedagógicas na alfabetização, é fundamental que o professor esteja atento às características e necessidades individuais de cada aluno, respeitando suas experiências e conhecimentos prévios e, é importante que o professor crie um ambiente acolhedor e estimulante, que favoreça a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos (SOARES, 2020).

3.1.2 Alfabetização e a Inclusão escolar

A alfabetização representa ser um dos primordiais pilares da educação básica, sendo fundamental para que os indivíduos tenham acesso ao conhecimento e possam exercer sua cidadania de forma absoluta, no entanto, a alfabetização não deve ser vista somente como um procedimento de aquisição de habilidades de leitura e escrita, mas sim como um procedimento de inclusão escolar (SANTANA; BEZERRA; COSTA, 2022).

A inclusão escolar refere-se à garantia do direito de todas as pessoas, independentemente de suas características, de frequentarem a escola e participarem

plenamente do processo educativo, dessa forma, a alfabetização e a inclusão escolar estão intimamente relacionadas, uma vez que a alfabetização é uma condição para que a inclusão seja efetiva (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

Nesse sentido, é importante que as escolas adotem políticas e práticas que promovam a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas habilidades e necessidades especiais e, é fundamental que os professores tenham formação adequada para lidar com a diversidade e desenvolvam estratégias pedagógicas que favoreçam o aprendizado de todos os alunos, incluindo aqueles com dificuldades de aprendizagem (TEIXEIRA; DA SILVA, 2021).

A alfabetização e a inclusão escolar são temas de extrema importância para a educação, pois estão diretamente relacionados ao direito de acesso à educação de qualidade para todos os indivíduos e, a Alfabetização, em especial, é considerada um dos pilares da educação básica, pois é fundamental para que os indivíduos possam exercer sua cidadania de forma plena (ABDALLA; DE ALMEIDA, 2020).

Contudo, a alfabetização não pode ser vista apenas como um processo técnico de ensino de leitura e escrita, mas sim como um processo social e cultural que envolve o desenvolvimento de habilidades de compreensão e expressão de ideias, além da capacidade de reflexão crítica sobre o mundo, nesse sentido, é importante que a alfabetização seja vista como uma ferramenta para a inclusão social e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (KRAMER, 2019).

A inclusão escolar, por sua vez, refere-se ao direito de todas as pessoas, independentemente de suas características pessoais, de frequentarem a escola e participarem plenamente do processo educativo, isso significa que as escolas devem ser capazes de acolher e atender a diversidade de seus alunos, garantindo o respeito às diferenças e a promoção da equidade (CRUZ, 2022).

Para que a inclusão escolar seja efetiva, é necessário que as escolas adotem políticas e práticas inclusivas, que considerem as necessidades e características de cada aluno e, isso inclui o desenvolvimento de estratégias pedagógicas diferenciadas, a oferta de recursos e materiais adequados, a capacitação dos professores para lidar com a diversidade e a promoção de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor (DA SILVA; ALVES; SOARES, 2022).

Em relação à alfabetização, é importante destacar que ela deve ser vista como um processo contínuo, que se estende ao longo de toda a vida. Aprender a ler e escrever não é suficiente para garantir a participação plena na sociedade, é preciso

desenvolver habilidades de compreensão e expressão de ideias que permitam a reflexão crítica sobre o mundo, por isso, é fundamental que o processo de alfabetização seja contextualizado e relacionado às experiências dos alunos, favorecendo o desenvolvimento de competências linguísticas, cognitivas e sociais (GUEDES; FERREIRA, 2021).

Já em relação à inclusão escolar, é importante destacar que ela não se refere apenas à inclusão de alunos com deficiência, mas sim à inclusão de todos os alunos, independentemente de suas características pessoais, nesse sentido, é fundamental que as escolas adotem uma abordagem inclusiva, que considere as diferenças e necessidades de cada aluno, e desenvolvam estratégias pedagógicas que favoreçam o aprendizado de todos (CUNHA, 2020).

Uma das principais estratégias para promover a inclusão escolar é a oferta de recursos e materiais adequados, que permitam que todos os alunos possam participar plenamente do processo educativo. Isso inclui, por exemplo, o uso de tecnologias assistivas para alunos com deficiência, a adaptação de materiais didáticos para alunos com dificuldades de aprendizagem e a oferta de atividades que valorizem a diversidade cultural e social (DAMASCENO; CRUZ, 2021).

É fundamental que os professores recebam formação adequada para lidar com a diversidade, desenvolvendo habilidades e competências para identificar as necessidades de cada aluno e desenvolver estratégias pedagógicas que favoreçam o aprendizado de todos, também é importante que as escolas promovam um ambiente escolar inclusivo e acolhedor, que respeite as diferenças e valorize a diversidade (SEWALD; PORTELINHA; ROCHA, 2023).

A alfabetização e a inclusão escolar são temas complexos e inter-relacionados, que exigem a adoção de políticas e práticas inclusivas para garantir o direito à educação de qualidade para todos os indivíduos e, é fundamental que as escolas adotem uma abordagem inclusiva, que considere as diferenças e necessidades de cada aluno, e desenvolvam estratégias pedagógicas que favoreçam o aprendizado de todos (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

3.2 EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO, LEGISLAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

É possível observar na história da educação alguns momentos importantes que ajudaram a construir o discurso sobre as diferenças no campo pedagógico brasileiro. Durante a primeira metade do século XX, destacaram-se as contribuições de diversas vertentes da psicologia, bem como de movimentos como a chamada escola nova e o ensino programado, para o tratamento dessa questão. De acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), pessoas com deficiências representam cerca de 10% da população mundial. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96), promulgada em 1996, assegura o direito constitucional de educação pública e gratuita aos deficientes (DE ARAÚJO, 2021).

Nesse contexto, a fundação Pestalozzi, idealizada por Helena Antipoff em Belo Horizonte em 1930, e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), criada entre as décadas de 1950 e 1960 no Rio de Janeiro, são organizações que historicamente prestaram atendimento exclusivo às pessoas com necessidades especiais no Brasil, ao longo de todo o século XX, no entanto, é importante salientar que a Educação Especial não era uma prioridade, o que significa que o Estado apenas apoiava o atendimento dessas pessoas por meio de instituições privadas e assistenciais, como as mencionadas acima (RONDINI; MARTINS; MEDEIROS, 2021).

Assim, essas organizações foram se multiplicando e estabelecendo-se em todos os estados brasileiros ao longo de décadas, criando-se ao longo da história da política pública educacional brasileira a crença de que as entidades filantrópicas eram os melhores lugares para atender pessoas com deficiência. Desse modo, as leis, resultantes de disputas políticas, ainda garantem a elas o dever de prestar serviços ao público com deficiência intelectual, além de financiamento e convênios com o Poder Público (SILVA, 2020, p.21).

A Educação Especial é priorizada na rede regular de ensino para estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, conforme estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996. Seus objetivos são os mesmos da educação geral, porém o atendimento é adaptado às necessidades individuais de cada aluno, o foco é a igualdade de oportunidades, garantindo uma educação de qualidade para todos, independentemente de suas diferenças individuais, por meio da adaptação do sistema educacional (BRASIL, 1996).

A importância da Educação Especial no contexto educacional brasileiro, deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para alunos com

deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação e, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 estabelece que os objetivos da Educação Especial são os mesmos da educação em geral, mas o atendimento deve ser adaptado às diferenças individuais do aluno (TEIXEIRA; DA SILVA, 2021).

O desenvolvimento da Educação Especial em torno da igualdade de oportunidades busca atender as diferenças individuais de cada criança, adaptando o sistema educativo para garantir o acesso de todos a uma educação de qualidade dentro das suas necessidades, isso é fundamental para garantir que crianças com deficiência ou transtornos globais do desenvolvimento possam aprender e se desenvolver plenamente, sem serem discriminadas ou excluídas da educação (DE CARVALHO FERREIRA; DE SOUZA, 2022).

Para que a Educação Especial seja efetiva, é necessário que as escolas estejam preparadas para receber alunos com necessidades educacionais especiais, contando com recursos pedagógicos e materiais adaptados, além de professores capacitados para trabalhar com esses alunos. É importante também que a sociedade como um todo esteja sensibilizada e engajada no processo de inclusão escolar, respeitando as diferenças e valorizando a diversidade (FREITAS; MONTALVÃO, 2021).

A Educação Especial desempenha um papel fundamental na garantia do direito à educação de qualidade para todos, especialmente para aqueles que apresentam necessidades educacionais especiais. É preciso que o Estado e a sociedade se comprometam em investir em políticas públicas que garantam o acesso de todos à educação, independentemente de suas condições físicas, mentais ou sociais, para que a inclusão escolar seja uma realidade concreta em nosso país (TEIXEIRA; DA SILVA, 2021).

Por isso, é necessário que haja um comprometimento do Estado, da sociedade e dos profissionais da educação em trabalhar juntos para garantir o direito à educação de qualidade para todos, sem exceção. Isso implica em políticas públicas que fomentem a inclusão e a acessibilidade, capacitação adequada dos profissionais da educação, equipamentos e recursos adequados para atender às necessidades dos alunos e um esforço constante para promover a inclusão social e a valorização da diversidade (DE ARAÚJO, 2021).

A Educação Especial é uma área educativa cujo propósito é fornecer assistência educacional personalizada a indivíduos que apresentem deficiências, transtornos do desenvolvimento global e altas capacidades intelectuais, essa modalidade de ensino é regulada pela Constituição Federal de 1988, bem como pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e outras leis e normas que orientam a Política Nacional de Educação Especial sob a perspectiva da Educação Inclusiva (DE CARVALHO FERREIRA; DE SOUZA, 2022).

Assegurar que todos, independentemente de suas condições físicas, mentais ou sociais, tenham acesso a uma educação de qualidade é uma obrigação tanto do Estado quanto da sociedade. Para isso, é essencial investir em políticas públicas que garantam o acesso de todos à educação, como a construção de escolas acessíveis e bem equipadas, a disponibilidade de transporte escolar adequado e a formação adequada dos profissionais da educação para lidar com as particularidades dos alunos (MELIM; ALMEIDA, 2018).

Tais políticas devem ser implementadas de forma a garantir a inclusão social e a valorização da diversidade. A educação inclusiva é um processo que implica no desenvolvimento de atividades educacionais que considerem a individualidade de cada aluno e que busquem promover a inclusão e a diversidade em todos os âmbitos da sociedade. Isso significa reconhecer as diferenças entre os alunos e buscar atender às suas necessidades de forma adequada (RONDINI; MARTINS; DE MEDEIROS, 2021).

Consiste em ser primordial destacar que a inclusão escolar deve ser considerada um processo contínuo, e não apenas uma questão de acesso. Para garantir que todos os alunos sejam incluídos de maneira efetiva, é preciso oferecer suporte contínuo e acompanhamento às necessidades educacionais individuais de cada um deles. Isso inclui fornecer recursos pedagógicos e materiais didáticos específicos, bem como desenvolver estratégias de ensino diferenciadas que possam ajudar cada aluno a alcançar seu potencial máximo (TEIXEIRA; DA SILVA, 2021).

A Educação Especial desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Investir na inclusão escolar de pessoas com deficiência, transtornos do desenvolvimento global e altas habilidades intelectuais é um investimento em uma sociedade mais diversa, equitativa e rica em conhecimento e, é dever do Estado e da sociedade trabalhar juntos para garantir o acesso de todos

à educação de qualidade e promover a inclusão social em todas as esferas da vida (SANTANA; BEZERRA; COSTA, 2022).

Os docentes possuem uma função crucial na garantia do direito à educação de excelência para todos os estudantes. É fundamental que os professores estejam preparados para lidar com as necessidades dos alunos que apresentam deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Para isso, é preciso que haja formação continuada e atualização constante dos profissionais da educação, e que eles estejam sensibilizados para a importância da inclusão e da valorização da diversidade (POLETTTO; SILVA, 2022).

A inclusão escolar é um direito universal dos alunos, e a Educação Especial é uma ferramenta essencial para garantir esse direito. A inclusão escolar implica em oferecer um ambiente acolhedor e acessível para todos os estudantes, sem importar suas condições físicas, mentais ou sociais. Isso significa que as escolas devem fornecer recursos e equipamentos adequados para atender às necessidades dos alunos, como rampas de acesso, elevadores, materiais adaptados, entre outros (PASINATO, 2022).

A Educação Especial também tem como objetivo promover a inclusão social e a valorização da diversidade. É importante que as escolas trabalhem para que os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação sejam valorizados e respeitados em suas diferenças. Isso implica em promover a convivência entre todos os alunos, a tolerância, o respeito e a empatia (XAVIER, 2023).

A Educação Especial deve ser vista como uma modalidade complementar à Educação Regular. A inclusão escolar não deve significar a eliminação da Educação Especial, mas sim a sua complementação. É preciso que as duas modalidades trabalhem juntas para garantir o direito à educação de qualidade para todos os alunos e, para garantir a qualidade da Educação Especial, é necessário que os profissionais da educação estejam capacitados e atualizados em relação às necessidades dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (ABDALLA; DE ALMEIDA, 2020).

A formação continuada e a atualização constante dos professores são fundamentais para que eles possam atender às necessidades dos alunos e oferecer um ensino de qualidade e, a capacitação dos profissionais da educação também implica em oferecer a eles um ambiente de trabalho adequado e recursos tecnológicos

que possam auxiliá-los em sua prática pedagógica, representa ser essencial que as escolas estejam equipadas com tecnologias assistivas que possam ajudar os alunos com deficiência a terem acesso ao conhecimento e interajam com o ambiente escolar de forma mais independente e mais eficiente (DAMASCENO; CRUZ, 2021).

É relevante que os profissionais da educação sejam sensibilizados com destino a importância da inclusão e da valorização da diversidade e, constitui ser preciso que eles compreendam as especificidades dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, e saibam como lidar com elas de forma adequada e respeitosa (FREITAS; MONTALVÃO, 2021).

A formação de professores na área da Educação Especial também é fundamental para garantir a qualidade do ensino oferecido aos alunos. É importante que os professores sejam capacitados em relação aos diferentes tipos de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, e saibam como adaptar as atividades e os materiais pedagógicos para atender às necessidades dos alunos (FOCHEZATTO; DE OLIVEIRA SCHERER, 2021).

A formação de professores na área da Educação Especial também implica em discutir e refletir sobre questões éticas e políticas relacionadas à inclusão escolar e à valorização da diversidade. É importante que os professores estejam sensibilizados para a importância da inclusão e saibam como trabalhar para promover a inclusão social e a valorização da diversidade em seu ambiente escolar (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

A capacitação adequada dos profissionais da Educação Especial é fundamental para garantir o acesso de todos à educação de qualidade, independentemente de suas condições físicas, mentais ou sociais. É preciso que os profissionais da educação sejam habilitados e sensibilizados em relação a importância da inclusão e da valorização da diversidade, e que as escolas estejam equipadas com os recursos necessários para atender às necessidades dos alunos (DA SILVA.; ALVES.; SOARES, 2022).

3.2.1 Formação de professores: atendimento aos alunos com necessidades especiais

A formação de professores é uma das principais questões relacionadas à educação inclusiva no Brasil, o processo de inclusão escolar exige dos profissionais da educação conhecimentos específicos sobre como atender às necessidades de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, entre outras condições que possam afetar o processo de aprendizagem e, para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, é necessário que os professores sejam capacitados para lidar com a diversidade de suas salas de aula (DAMASCENO; CRUZ, 2021).

A formação de professores ainda é um desafio no Brasil, especialmente quando se trata de atender alunos com necessidades especiais. Muitas vezes, os cursos de formação de professores não oferecem disciplinas específicas sobre educação inclusiva, deixando os futuros profissionais sem as ferramentas necessárias para lidar com a diversidade em suas salas de aula e, a falta de investimentos em formação continuada também dificulta a atualização dos professores sobre as melhores práticas para atender alunos com necessidades especiais (DA SILVA; ALVES; SOARES, 2022).

A falta de formação adequada dos professores pode ter consequências negativas para o processo de inclusão escolar, sem o conhecimento necessário sobre como atender às necessidades de cada aluno, os professores podem reproduzir práticas excludentes, perpetuando a exclusão escolar e, a falta de capacitação também pode gerar insegurança e desconforto nos professores, que se sentem despreparados para lidar com as diferenças em suas salas de aula (PASINATO, 2022).

Por outro lado, a formação adequada dos professores é essencial para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. Quando os professores são capacitados para lidar com a diversidade, podem desenvolver práticas pedagógicas mais inclusivas, que atendam às necessidades de cada aluno e, a formação continuada pode ajudar os professores a atualizar seus conhecimentos e se manterem informados sobre as melhores práticas para atender alunos com necessidades especiais (SANTANA; BEZERRA; COSTA, 2022).

Nesse sentido, é importante destacar a importância da formação inicial e continuada dos professores para o processo de inclusão escolar, a formação adequada dos professores pode contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, na qual todos os indivíduos tenham acesso a uma educação de qualidade,

independentemente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais ou socioeconômicas, é primordial que o Estado invista em políticas públicas que garantam a formação adequada dos professores e a promoção da educação inclusiva em todas as escolas do país (DA SILVA; ALVES; SOARES, 2022).

É preciso destacar que a formação de professores não é um processo único e acabado, mas sim uma jornada constante de aprendizado e atualização. É necessário que os professores estejam abertos ao diálogo e à reflexão sobre suas práticas pedagógicas, sempre buscando formas de melhorar a qualidade da educação que oferecem. Com uma formação adequada e uma postura reflexiva, os professores podem ser agentes transformadores na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa (ABDALLA; DE ALMEIDA, 2020).

A relação entre o professor e o aluno é uma das mais importantes no processo de construção do conhecimento, uma vez que o ambiente afetivo e de confiança entre eles é capaz de contribuir significativamente para o sucesso da aprendizagem, contudo, é essencial que o professor saiba conduzir essa relação com sensibilidade e responsabilidade, evitando possíveis consequências negativas, nesse sentido, o professor deve assumir seu papel de mediador e facilitador do processo de ensino, estimulando os alunos a pensar, refletir e pesquisar, visando à construção do conhecimento (POLETTTO; SILVA, 2022).

Uma escola inclusiva, por sua vez, é aquela que valoriza e reconhece a diversidade e não faz distinção entre seus alunos. É importante identificar e superar os obstáculos que dificultam o sucesso dos alunos no processo de aprendizagem, tornando o ensino e a aprendizagem uma experiência prazerosa e em constante interação entre o professor, o aluno e o conhecimento (PASINATO, 2022).

Para tanto, a formação do professor é um fator primordial para garantir a inclusão e atendimento às necessidades especiais dos alunos. É preciso que o professor esteja capacitado e preparado para lidar com as demandas de alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo que todos tenham acesso a uma educação de qualidade e, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, em seu artigo 59, reforça a importância da formação continuada do professor para a Educação Especial (ABDALLA; DE ALMEIDA, 2020).

Entretanto, a formação de professores para atender às necessidades especiais ainda é um desafio para o sistema educacional. Muitas vezes, a formação inicial do

professor não aborda de forma adequada as temáticas da inclusão e Educação Especial, deixando-os despreparados para lidar com a diversidade encontrada na sala de aula e, a formação continuada muitas vezes é limitada ou inexistente, impedindo que o professor atualize seus conhecimentos e práticas pedagógicas (DA SILVA; ALVES; SOARES, 2022).

É necessário, portanto, que haja uma revisão da formação inicial e continuada dos professores, para que sejam incluídas temáticas como a diversidade, inclusão, necessidades especiais e adaptações curriculares, a formação deve ser pautada em uma perspectiva interdisciplinar, integrando áreas como psicologia, pedagogia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, entre outras e, o objetivo é garantir que o professor esteja preparado para atender às necessidades de todos os alunos, promovendo a inclusão e a aprendizagem significativa (SANTANA; BEZERRA; COSTA, 2022).

É importante que o professor esteja sempre disposto a aprender e a se atualizar, buscando constantemente novas estratégias e metodologias para atender às necessidades específicas de seus alunos, a troca de experiências e conhecimentos com outros profissionais da área também é fundamental, seja por meio de grupos de estudos, fóruns, palestras ou outras iniciativas e, a formação de professores para atender às necessidades especiais não deve ser vista como um custo, mas sim como um investimento na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. É preciso que o poder público, as instituições de ensino e a sociedade em geral reconheçam a importância da Educação Especial e garantam que os professores estejam devidamente capacitados para atender a essa demanda (ABDALLA; DE ALMEIDA, 2020).

Além da formação continuada dos professores, é importante que haja investimentos em infraestrutura para a Educação Especial, garantindo que as escolas estejam adaptadas para receber alunos com necessidades especiais. Isso inclui desde a construção de rampas de acesso até a disponibilização de tecnologias assistivas e materiais adaptados. É necessário que os gestores públicos e as instituições de ensino se comprometam com a inclusão escolar e invistam em recursos para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade (POLETTO; SILVA, 2022).

A Educação Especial também tem um papel importante na promoção da inclusão social e no combate à discriminação. Ao valorizar a diversidade e trabalhar

para incluir alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, a Educação Especial contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É fundamental que os alunos aprendam desde cedo a respeitar as diferenças e a conviver de forma harmoniosa com pessoas de diferentes origens e capacidades (SANTANA; BEZERRA; COSTA, 2022).

Outro aspecto importante da Educação Especial é a sua capacidade de promover a autonomia e a independência dos alunos com necessidades especiais. Ao oferecer recursos e materiais adaptados, bem como estratégias de ensino diferenciadas, a Educação Especial contribui para o desenvolvimento das habilidades e potencialidades desses alunos. Isso permite que eles tenham mais chances de sucesso na vida acadêmica e profissional, além de contribuir para a sua inserção na sociedade como um todo (ABDALLA; DE ALMEIDA, 2020).

É preciso destacar que a Educação Especial não deve ser vista como uma modalidade separada da Educação Regular, mas sim como uma complementação necessária para garantir a inclusão escolar. É fundamental que as duas modalidades trabalhem juntas para garantir o direito à educação de qualidade para todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, mentais ou sociais. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais inclusiva e justa, em que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento (GUEDES; FERREIRA, 2021).

3.3 EDUCAÇÃO: A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento que afeta principalmente a comunicação e interação social do indivíduo, na infância, o TEA pode se manifestar através de dificuldades na linguagem, comunicação não verbal, empatia e interação social, essas dificuldades podem variar em intensidade e podem ser acompanhadas de comportamentos repetitivos e restritivos (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

O (TEA) é uma condição neurobiológica que afeta o desenvolvimento infantil, comprometendo principalmente a comunicação e a expressão social, o TEA consiste em ser uma condição complexa, que pode apresentar diversas origens e é

diagnosticado a partir da manifestação de sintomas comportamentais e clínicos (ALMEIDA; RIBEIRO, 2022).

O (TEA) é um transtorno que se manifesta de forma única em cada indivíduo, e por isso é importante que o diagnóstico seja realizado por uma equipe multidisciplinar, que envolve médicos, psicólogos e fonoaudiólogos, entre outros profissionais. Além disso, é essencial que haja um suporte e acompanhamento contínuo da criança e de sua família, para que possam compreender e lidar com os desafios do (TEA) (DOS SANTOS, 2022).

Embora o TEA ainda não tenha cura, existem diversas estratégias terapêuticas que podem ajudar no desenvolvimento e na melhoria da qualidade de vida das crianças com TEA. Entre as principais abordagens estão a terapia comportamental, a Terapia Ocupacional (TO) e a Fonoaudiologia, que podem auxiliar na melhoria das habilidades sociais e comunicativas (MARCHI; ESTREMOTE; MALFARA, 2022).

Cabe ressaltar que o TEA não deve ser encarado como uma limitação, mas sim como uma condição que demanda cuidados e suporte específico. Com o apoio adequado, é possível que a criança com TEA desenvolva suas habilidades e competências, e tenha uma vida plena e feliz. Por isso, é fundamental que a sociedade esteja cada vez mais informada e consciente sobre o TEA, para que possa garantir a inclusão e o respeito às pessoas com essa condição (SEWALD; PORTELINHA; ROCHA, 2023).

Para que as crianças com TEA tenham sucesso na escola, é essencial que haja uma compreensão adequada de suas necessidades e uma adaptação do ambiente educacional para atendê-las e, é importante que os professores estejam capacitados para lidar com alunos com TEA e possam oferecer um ambiente seguro, acolhedor e livre de estímulos excessivos (ALMEIDA; RIBEIRO, 2022).

A comunicação é uma das áreas mais afetadas pelo TEA e pode ser um desafio para a criança se comunicar de maneira clara e eficaz, o uso de comunicação alternativa e aumentativa (CAA) pode ser útil para ajudar a criança a se comunicar e expressar suas necessidades e desejos e, o uso de estratégias de ensino que enfatizem a comunicação visual, como imagens e diagramas, podem ser eficazes para ajudar a criança a compreender melhor as informações (XAVIER, 2023).

É importante lembrar que cada criança com TEA é única e pode ter necessidades diferentes, é fundamental que os professores trabalhem em conjunto com a família e profissionais de saúde para criar um plano educacional individualizado

que atenda às necessidades específicas da criança e, um ambiente educacional inclusivo, que valorize a diversidade e respeite as diferenças individuais, é essencial para que as crianças com TEA possam ter sucesso escolar e se desenvolver plenamente (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

As dinâmicas presentes nas diversas salas de aula revelam a falta de preparo dos professores, tanto em relação às metodologias de ensino quanto às pesquisas científicas e às questões políticas. O foco principal costuma ser a transmissão do conhecimento e a expectativa de que o aluno assimile o que foi apresentado. Se considerarmos a metodologia de ensino como um conjunto de pilares cognitivos e emocionais, é evidente que haverá influência afetiva nessa interação e que esses fatores podem ter um impacto significativo em todo o processo de aprendizagem (ALMEIDA; RIBEIRO, 2022).

3.3.1 Abordagem Educacional para Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A educação é um aspecto fundamental do desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e a abordagem educacional adequada é crucial para garantir que elas tenham sucesso na escola e na vida e, é significativo lembrar que cada criança com TEA é única e, portanto, requer uma abordagem educacional individualizada que leve em consideração suas necessidades específicas e habilidades (BRITES; BRITES, 2019).

Embora a educação de crianças com TEA possa ser desafiadora, existem muitas estratégias educacionais eficazes que podem ajudar a melhorar a comunicação, a socialização e o aprendizado e, essas estratégias educacionais e a importância do trabalho em equipe entre pais, professores e profissionais da saúde para garantir que a criança com (TEA) fará com que a criança tenha um aprendizado de qualidade (MACIEL; CASTANHEIRA; MARTINS, 2018).

A educação é essencial para o desenvolvimento das crianças com TEA, pois elas têm um estilo de aprendizagem único e, muitas vezes, precisam de abordagens diferenciadas para se adaptarem ao ambiente escolar e, as escolas têm o papel de fornecer um ambiente educacional inclusivo e de qualidade para essas crianças, e os professores devem estar preparados para lidar com as necessidades específicas de cada aluno com (TEA) (SEWALD; PORTELINHA; ROCHA, 2023).

Ademais, representa ser essencial evidenciar que os pais e os cuidadores desempenham um papel fundamental na educação da criança com TEA e, eles devem estar envolvidos no processo de educação, colaborando com os professores e outros profissionais da saúde para garantir que a criança receba o apoio necessário em todas as áreas do desenvolvimento (FREITAS; MONTALVÃO, 2021).

O trabalho em equipe é crucial para o sucesso da educação de crianças com TEA. A colaboração entre pais, professores e profissionais da saúde pode garantir uma abordagem educacional individualizada e eficaz que atenda às necessidades específicas da criança e, essa abordagem colaborativa também pode ajudar a garantir que a criança receba uma educação inclusiva e de qualidade (DOS SANTOS, 2022).

As estratégias educacionais que podem ser utilizadas para ajudar as crianças com TEA a se comunicarem e a se adaptarem ao ambiente escolar, bem como discutir a importância do trabalho em equipe entre pais, professores e profissionais da saúde para o sucesso da educação de crianças com TEA (ALMEIDA; RIBEIRO, 2022).

Entre as estratégias educacionais que podem ser utilizadas para ajudar as crianças com TEA a se comunicarem e a se adaptarem ao ambiente escolar, podemos destacar o uso de recursos visuais, a implementação de rotinas e a utilização de reforços positivos, as crianças com TEA muitas vezes aprendem melhor através de imagens e visuais, e a implementação de recursos visuais pode ajudá-las a entender melhor as informações e a seguir as rotinas diárias (BARRETO, 2021).

A criação de rotinas previsíveis e estruturadas pode ajudar a reduzir a ansiedade e o estresse da criança com TEA, facilitando sua adaptação ao ambiente escolar. A utilização de reforços positivos, como elogios e prêmios, também pode ser uma estratégia eficaz para incentivar comportamentos positivos e motivar a criança a aprender e se desenvolver (CUNHA, 2020).

Consiste em ser importante na educação de crianças com TEA o emprego de terapia comportamental, que pode incluir a terapia ABA (Análise do Comportamento Aplicada) ou outras terapias comportamentais e, essas terapias podem ajudar a melhorar a comunicação, a socialização e o comportamento da criança, e são frequentemente utilizadas em agrupamento com outras estratégias educacionais (DA SILVA; ALVES; SOARES, 2022).

A abordagem educacional para crianças com TEA deve ser individualizada e adaptada às necessidades específicas de cada criança, focando em seu aprendizado e, a colaboração entre pais, professores e profissionais da saúde pode ajudar a

garantir que a criança receba o suporte necessário em todas as áreas do desenvolvimento (FOCHEZATTO; DE OLIVEIRA SCHERER, 2021).

A educação é um aspecto fundamental do desenvolvimento de crianças com TEA, e uma abordagem educacional individualizada e adaptada às necessidades específicas da criança pode ajudá-la a aprender e se desenvolver. A colaboração entre pais, professores e profissionais da saúde é essencial para garantir que a criança com TEA receba o melhor suporte possível em todas as áreas do seu desenvolvimento (SERRA, 2020).

3.3.2 Desafios e Possibilidades na Educação de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser desafiadora para educadores e pais, pois cada criança com TEA é única em suas necessidades e habilidades. Algumas crianças com TEA podem ter dificuldades em se comunicar verbalmente, enquanto outras podem ter problemas em compreender as emoções e expressões faciais dos outros (XAVIER, 2023).

No entanto, com os avanços na educação especial e a compreensão crescente sobre o TEA, há também muitas possibilidades para apoiar as crianças com TEA em suas necessidades educacionais e, estratégias de ensino especializadas e personalizadas, bem como o uso de tecnologias assistivas, podem ajudar as crianças com TEA a se envolverem na aprendizagem e a alcançarem seu potencial máximo (PEIXOTO *et al.*, 2022).

A inclusão de crianças com TEA em ambientes educacionais regulares pode trazer benefícios significativos tanto para as crianças com TEA quanto para seus colegas sem a condição. A educação inclusiva pode ajudar a combater o estigma em relação ao TEA e a promover uma compreensão mais ampla e aceitação da diversidade (PASINATO, 2022).

A educação de crianças com TEA apresenta desafios únicos, mas também oferece muitas possibilidades para apoiar as necessidades educacionais dessas crianças. Com estratégias educacionais personalizadas e inclusão em ambientes educacionais regulares, as crianças com TEA podem ter sucesso em suas vidas acadêmicas e além (KRAMER, 2019).

A colaboração entre educadores, pais e profissionais de saúde é fundamental para garantir que as crianças com TEA recebam o apoio necessário para ter sucesso na educação. A comunicação aberta e a colaboração podem ajudar a criar um ambiente de apoio para as crianças com TEA e fornecer a eles as ferramentas e recursos necessários para alcançar seus objetivos educacionais (DAMASCENO; CRUZ, 2021).

No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito na área da educação de crianças com TEA. O acesso a recursos educacionais especializados pode ser limitado, especialmente em áreas com menos recursos. Além disso, a falta de compreensão e conscientização sobre o TEA pode levar a práticas inadequadas de ensino e estigmatização das crianças com TEA (DE ARAÚJO, 2021).

Portanto, é importante que governos, instituições educacionais e a sociedade em geral trabalhem para aumentar o acesso a recursos educacionais especializados e promover a conscientização e a compreensão do TEA. Isso pode incluir a formação de professores em estratégias de ensino especializadas, o aumento do financiamento para educação especial e a promoção de programas de conscientização e aceitação da diversidade (DA SILVA *et al.*, 2020).

A educação de crianças com TEA pode ser desafiadora, mas também oferece muitas possibilidades para apoiar as necessidades educacionais dessas crianças. Com estratégias educacionais personalizadas, inclusão em ambientes educacionais regulares e colaboração entre educadores, pais e profissionais de saúde, as crianças com TEA podem ter sucesso em suas vidas acadêmicas e além, contudo, ainda há muito trabalho a ser feito para aumentar o acesso a recursos educacionais especializados e promover a conscientização e aceitação da diversidade (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

3.4 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Para o desenvolvimento e melhoria da educação do país, é necessário avançar na Alfabetização, levando em conta as especificidades e diferenças das crianças, especialmente aquelas com necessidades especiais, nesse sentido, o Plano Nacional de Educação (PNE) estabelecia uma meta de alfabetizar todas as crianças até o final

do terceiro ano do ensino fundamental e, é importante que esse processo ocorra de forma inclusiva, considerando a heterogeneidade do grupo escolar (BRASIL,2020).

No contexto escolar, é fundamental repensar as práticas educacionais e interativas para atender às necessidades e especificidades de cada estudante. É evidente que a cada ano, as formas de ensino vão se modificando e transformando a educação inclusiva, além de propiciar a alfabetização, a escola desempenha um papel importante no processo de aprendizagem e na interação social das crianças com autismo, dessa forma, cabe aos professores o desenvolvimento de técnicas de ensino que sejam acessíveis a todos os alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas (SILVA *et al.*, 2020).

No caso específico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), os desafios no processo de Alfabetização também podem incluir dificuldades em compreender as regras do sistema de escrita, dificuldades na comunicação e na interação social, e comportamentos desafiadores, por isso, é fundamental que os professores que trabalham com crianças com TEA estejam preparados para adaptar os conteúdos e utilizar estratégias pedagógicas específicas para atender às necessidades desses alunos (DA SILVA BALBINO; DE OLIVEIRA; DA SILVA, 2021).

Além disso, é importante envolver a família e profissionais de outras áreas, como psicólogos e fonoaudiólogos, para criar uma rede de apoio que auxilie no processo de alfabetização e desenvolvimento das habilidades socioemocionais das crianças com TEA. A formação docente é essencial para que os professores possam se atualizar sobre as melhores práticas para atender às necessidades de seus alunos com TEA, garantindo assim uma educação inclusiva e de qualidade para todos (FOCHEZATTO; DE OLIVEIRA SCHERER, 2021).

Uma das metodologias mais utilizadas para a Alfabetização de crianças com TEA é a abordagem fônica, ao contrário da abordagem que foca somente no nome das letras, a abordagem fônica também enfatiza o som que cada letra produz, dessa forma, as crianças com TEA trabalham a sonorização das letras, o que respeita o desenvolvimento cerebral e facilita o processo de associação entre o nome da letra e o seu respectivo som (DA SILVA BALBINO; DE OLIVEIRA; DA SILVA, 2021).

Durante a Alfabetização de uma criança com autismo, consiste em ser importante que o professor pronuncie tanto o nome quanto o som de cada letra, para que a criança possa fazer a associação entre ambos, com essa abordagem, o

processo de Alfabetização se torna mais simples, adequado e efetivo para as crianças com TEA (BARRETO, 2021).

Algumas estratégias podem ser úteis para facilitar o processo de alfabetização de crianças com TEA, uma delas é estabelecer uma rotina clara e previsível para a criança, com atividades bem definidas ao longo do dia, isso ajuda a criança a se sentir mais segura e a compreender melhor seus objetivos (CUNHA, 2020).

Além disso, é comum que crianças com autismo tenham um interesse restrito em determinados temas ou objetos, passando muito tempo em seu próprio mundo imaginário, elas podem se tornar especialistas em um assunto específico, como dinossauros, ou em uma área mais ampla, como matemática ou inglês (BRITES; BRITES, 2019).

Tanto em ambiente escolar como doméstico, o processo de aprendizado de uma criança com TEA é mais eficaz quando se inicia com conceitos básicos e gradualmente se aumenta a complexidade em uma ordem lógica. É recomendado começar com os fonemas e utilizar exemplos de palavras que a criança utiliza frequentemente para estabelecer associações com elementos e objetos presentes em seu cotidiano (CUNHA, 2020).

Gradualmente, a criança irá formar sílabas e fazer cada vez mais conexões com o mundo ao seu redor, adquirindo gradualmente o domínio da Alfabetização, contudo, consiste em ser fundamental ressaltar que esse processo deve ser acompanhado por profissionais capacitados e por uma rede de apoio que esteja comprometida com o sucesso do processo de aprendizagem, embora não seja fácil, é um processo gratificante (BRITES, BRITES, 2019).

Além da importância de começar com conceitos básicos e ir aumentando gradualmente a complexidade, é fundamental que o processo de aprendizagem de uma criança com TEA seja adaptado às suas necessidades individuais e ao seu ritmo de aprendizado. Cada criança é única e apresenta características e habilidades distintas, o que exige uma abordagem personalizada e flexível.

É comum que crianças com TEA apresentem dificuldades na comunicação e na interação social, o que pode afetar diretamente o processo de alfabetização. Nesses casos, é recomendado utilizar recursos visuais, como imagens e figuras, para auxiliar na compreensão e associação de conceitos (KRAMER, 2019).

É importante envolver a família e os cuidadores no processo de aprendizagem da criança, para que possam dar continuidade às atividades e estimular o

desenvolvimento em casa. A rede de apoio deve estar alinhada e comprometida com os objetivos definidos pelo profissional capacitado que acompanha a criança (ALMEIDA; RIBEIRO, 2022).

É fundamental ressaltar que o processo de alfabetização de uma criança com TEA pode ser desafiador, mas também é extremamente gratificante e, a cada conquista, a criança adquire mais autonomia e confiança, o que contribui para o seu desenvolvimento e qualidade de vida a longo prazo, por isso, é importante contar com profissionais capacitados e uma rede de apoio comprometida para garantir o sucesso do processo de aprendizagem (CRUZ, 2022).

A Alfabetização é uma das etapas mais importantes na vida de uma criança, pois é a partir dela que se desenvolve a capacidade de leitura e escrita, habilidades fundamentais para o sucesso acadêmico e profissional, no entanto, quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a Alfabetização pode se tornar um desafio ainda maior (VERDAM; AVELINO, 2021).

O TEA é um distúrbio do desenvolvimento neurológico que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da pessoa e, as crianças com TEA apresentam dificuldades específicas na aprendizagem, que podem afetar a sua capacidade de se alfabetizar (SERRA, 2020).

Nesse contexto, é importante que a Alfabetização das crianças com TEA seja abordada de forma diferenciada, levando em consideração as suas necessidades e características individuais. É preciso entender as particularidades do TEA e como elas podem impactar no processo de aprendizagem, para assim, criar estratégias e metodologias de ensino adequadas para esses alunos (PEIXOTO *et al.*, 2022).

Dessa forma, a Alfabetização de crianças com TEA exige uma abordagem cuidadosa e personalizada, que leve em conta suas características individuais e necessidades específicas. A partir de uma educação inclusiva e adaptada às suas demandas, é possível ajudar essas crianças a desenvolver habilidades fundamentais para sua vida acadêmica e social (MELIM; ALMEIDA, 2018).

Para isso, é importante que os educadores e profissionais que trabalham com crianças com TEA estejam capacitados para lidar com as dificuldades que possam surgir no processo de alfabetização. É necessário conhecer as estratégias e metodologias mais adequadas para trabalhar com esses alunos, adaptando as atividades de acordo com suas habilidades e interesses e, é fundamental ter em mente

que a Alfabetização não se resume apenas à aprendizagem da leitura e da escrita (SOARES, 2020).

As crianças com TEA também precisam desenvolver outras habilidades, como a capacidade de compreender e expressar ideias, de se comunicar de forma clara e efetiva e de trabalhar em grupo. Portanto, é importante trabalhar de forma integrada e multidisciplinar, envolvendo diferentes áreas do conhecimento para proporcionar uma educação completa e abrangente para esses alunos (PASINATO, 2022).

Outro aspecto importante é o envolvimento da família no processo de alfabetização. Os pais e responsáveis pelas crianças com TEA devem ser informados sobre as estratégias e metodologias utilizadas na escola, para que possam apoiar e estimular seus filhos em casa e, é fundamental manter uma comunicação constante entre escola e família, para acompanhar o progresso das crianças e identificar possíveis dificuldades (FOCHEZATTO; DE OLIVEIRA SCHERER, 2021).

É importante lembrar também que cada criança com TEA é única e apresenta suas próprias características e necessidades, portanto, não há uma abordagem única que funcione para todos. É preciso adaptar as estratégias e metodologias de acordo com as habilidades, interesses e necessidades de cada criança (ALMEIDA; RIBEIRO, 2022).

Algumas estratégias que podem ser utilizadas na Alfabetização de crianças com TEA incluem o uso de recursos visuais, como imagens e vídeos, para auxiliar na compreensão e expressão de ideias, a utilização de jogos e atividades lúdicas para tornar o aprendizado mais divertido e motivador, e a utilização de rotinas e cronogramas para auxiliar na organização e no planejamento das atividades (FILTRO, 2018).

É importante utilizar uma linguagem clara e objetiva, evitando termos e conceitos complexos que possam gerar confusão ou dificuldade de compreensão. Também é importante oferecer feedbacks positivos e encorajadores, reconhecendo o esforço e o progresso das crianças e, é fundamental que a alfabetização de crianças com TEA seja vista como um processo contínuo e gradual, que requer paciência, dedicação e adaptação constante. Com uma abordagem cuidadosa e personalizada, é possível ajudar essas crianças a desenvolver suas habilidades e alcançar seu potencial máximo (DOS SANTOS, 2022).

Outro aspecto importante é a inclusão de atividades práticas que possam estimular a coordenação motora e a percepção sensorial das crianças com TEA.

Brincadeiras que envolvam o uso de massinha de modelar, tintas, blocos de montar e outros materiais podem ser muito úteis para o desenvolvimento dessas habilidades (MARCHI; ESTREMOTE; MALFARA, 2022).

No entanto, é importante lembrar que cada criança com TEA apresenta seu próprio ritmo de aprendizado e pode levar mais tempo para alcançar determinadas habilidades. Por isso, é fundamental que os educadores e profissionais envolvidos no processo de alfabetização estejam atentos às necessidades individuais de cada criança e não as pressionem ou as sobrecarreguem com atividades que estejam além de suas capacidades (DE ARAÚJO, 2021).

Outro aspecto importante a ser considerado é a adaptação do ambiente escolar para as crianças com TEA. É fundamental que a sala de aula seja organizada de forma a oferecer um ambiente seguro e acolhedor, com móveis e equipamentos adequados para as necessidades desses alunos e, é importante que a escola ofereça recursos e equipamentos de tecnologia assistivas, como *softwares* e aplicativos que possam auxiliar no processo de aprendizagem (DA SILVA BALBINO; DE OLIVEIRA; DA SILVA, 2021).

É fundamental que a escola e a sociedade em geral adotem uma postura de inclusão e valorização das diferenças. Crianças com TEA podem enfrentar dificuldades no processo de alfabetização e em outras áreas da vida, mas isso não significa que elas sejam menos capazes ou menos valiosas. É preciso que todos trabalhem juntos para garantir que essas crianças tenham acesso a uma educação de qualidade e às mesmas oportunidades que as demais crianças (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

A Alfabetização de crianças com TEA é um desafio que exige uma abordagem cuidadosa e personalizada, levando em consideração as necessidades e características individuais de cada criança e, com a adoção de estratégias adequadas e o envolvimento de todos os agentes envolvidos, é possível ajudar as crianças com TEA a desenvolver suas habilidades e alcançar seu potencial máximo, garantindo-lhes uma vida plena e feliz (BORDIGNON; PAIM, 2017).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que pode afetar significativamente a forma como as crianças aprendem e se desenvolvem, por isso, é fundamental que sejam utilizadas estratégias de ensino individualizado que considerem as necessidades específicas de cada criança e, uma das técnicas mais eficazes para ensinar crianças com TEA a ler e escrever é o uso de recursos visuais

e, esses recursos podem incluir imagens, vídeos, diagramas e gráficos que ajudem a ilustrar conceitos e ideias de maneira clara e objetiva (SEWALD; PORTELINHA; ROCHA, 2023)

É importante utilizar jogos educativos e atividades que envolvam os interesses individuais de cada criança, o que pode aumentar sua motivação e engajamento no processo de aprendizagem, outra estratégia importante é a adaptação do currículo para atender às necessidades individuais de cada criança. Isso pode incluir a redução da carga horária de determinadas disciplinas, a ampliação do tempo para realização de atividades ou a utilização de materiais de leitura e escrita adaptados e, a flexibilidade também é fundamental nesse processo, já que as crianças com TEA podem precisar de mais tempo e suporte para aprender determinados conceitos (MARCHI; ESTREMOTE; MALFARA, 2022).

As estratégias de ensino individualizado são fundamentais para garantir que crianças com TEA tenham acesso a uma educação de qualidade e possam desenvolver suas habilidades de leitura e escrita de forma efetiva. A utilização de recursos visuais, jogos educativos, adaptação do currículo e flexibilidade são algumas das técnicas que podem ser utilizadas nesse processo, levando em conta as necessidades e interesses de cada criança (DAMASCENO; CRUZ, 2021).

A educação individualizada pode trazer benefícios não só para crianças com TEA, mas também para todas as crianças. Isso porque cada indivíduo tem suas próprias habilidades, interesses e ritmos de aprendizagem, e a adaptação do ensino a essas características individuais pode tornar o processo educativo mais efetivo e motivador (CUNHA, 2020).

Vale ressaltar também que as estratégias de ensino individualizado devem ser aplicadas por profissionais capacitados e com experiência no atendimento a crianças com TEA. É fundamental que haja um acompanhamento e avaliação constantes para que se possa ajustar e aprimorar as técnicas utilizadas, de forma a garantir o melhor resultado possível para cada criança (DA SILVA BALBINO; DE OLIVEIRA; DA SILVA, 2021).

As estratégias de ensino individualizado para crianças com TEA são uma forma eficaz de promover a aprendizagem e o desenvolvimento dessas crianças. Ao adaptar o ensino às necessidades e interesses de cada criança, é possível criar um ambiente educacional mais inclusivo e efetivo, que valoriza a diversidade e promove a igualdade de oportunidades para todos (DOS SANTOS, 2022).

A educação individualizada não se resume apenas às estratégias de ensino, mas também envolve uma abordagem mais ampla que considera as necessidades sociais e emocionais das crianças com TEA e, consiste em ser necessário que haja um ambiente acolhedor e inclusivo, que valorize as diferenças e promova a interação social e o desenvolvimento das habilidades socioemocionais (FOCHEZATTO; DE OLIVEIRA SCHERER, 2021).

Dessa forma, é fundamental que os profissionais envolvidos no processo educativo das crianças com TEA sejam capacitados não apenas em técnicas de ensino, mas também em aspectos relacionados à inclusão, diversidade e desenvolvimento socioemocional. A formação continuada desses profissionais é essencial para que possam aprimorar suas práticas e oferecer uma educação de qualidade para todas as crianças, independentemente de suas características individuais (MARCHI; ESTREMOTE; MALFARA, 2022).

As estratégias de ensino individualizado são uma forma eficaz de promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças com TEA, desde que aplicadas por profissionais capacitados e em um ambiente educacional inclusivo e acolhedor. É preciso considerar não apenas as necessidades cognitivas, mas também as necessidades socioemocionais das crianças, garantindo assim uma educação mais completa e efetiva (RONDINI; MARTINS; DE MEDEIROS, 2021).

A Alfabetização é uma das etapas fundamentais da educação, e se torna ainda mais importante quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), para essas crianças, a Alfabetização pode ser um desafio maior, pois elas podem apresentar dificuldades de linguagem e comunicação, bem como dificuldades de aprendizagem em geral e, nesse contexto, é importante que os professores estejam preparados para lidar com essas dificuldades e promover uma alfabetização inclusiva, que leve em conta as necessidades específicas de cada aluno com TEA (SOARES, 2020).

O desenvolvimento dos professores também é fundamental nesse processo de inclusão e Alfabetização de crianças com TEA, os professores precisam estar em constante processo de formação e atualização, buscando conhecimentos sobre o TEA e estratégias de ensino que possam ser aplicadas em sala de aula, dessa forma, a formação continuada dos professores se torna uma ferramenta importante para a inclusão de crianças com TEA na escola, possibilitando que os professores desenvolvam habilidades e competências para lidar com as necessidades específicas

desses alunos e promover uma aprendizagem significativa e inclusiva (SEWALD; PORTELINHA; ROCHA, 2023).

O aluno com TEA tem formas próprias de se relacionar com o mundo social, e como resultado do convívio, todos nós adquirimos uma mente social que nos possibilita fazer conexões apropriadas com o mundo ao nosso redor, no que se refere ao professor, é importante lembrar que ele é o primeiro a aprender, principalmente quando se trata de crianças com TEA na Educação Infantil, o professor deve conhecer a história dessa criança e buscar conhecimento para ajudar em seu desenvolvimento, independentemente de sua experiência prévia (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

Uma abordagem eficaz para lidar com crianças com TEA é não se alterar, não valorizar reações excessivas, redirecionar a atenção e a ação do aluno, falar baixo, manter o mesmo tom de voz e o contato visual. É importante mostrar sempre um caminho melhor para a criança. Para investigar as atitudes corretas em relação aos alunos com TEA, os professores devem identificar suas causas, que podem ser motivadas por fatores como barulho, mudança de rotina e frustrações (BARRETO, 2021).

As relações existentes nas diversas salas de aula mostram que muitos professores não estão totalmente preparados, seja no campo de metodologias, pesquisa científica ou situação política, a principal preocupação é transmitir conhecimentos e esperar que o aluno aprenda o que foi dito. Analisando a metodologia de ensino com base em pilares cognitivos e relações emocionais, é possível perceber o quanto a interação entre o professor e o aluno pode ser afetada por esses fatores emocionais. É fundamental considerar esses aspectos no processo de ensino-aprendizagem de alunos com TEA (DE CARVALHO FERREIRA; DE SOUZA, 2022).

A interação é a forma mais efetiva de promover a aprendizagem na vida de todos os professores, especialmente em crianças com autismo, que podem apresentar uma grande sensibilidade emocional, ao propor atividades que envolvam interação, o professor pode tornar essa afetividade significativa para o aluno com TEA. Se não houver essa interação, a escola pode se tornar apenas mais um ambiente onde o aluno se fecha em si mesmo, impedindo melhorias no processo de ensino-aprendizagem (PASINATO, 2022).

No processo de aprendizagem e interação social, é comum atribuir características positivas a pessoas de determinado grupo e atributos negativos a indivíduos de outros grupos, é importante reconhecer essa tendência e trabalhar para que a educação seja inclusiva e livre de preconceitos com aluno com TEA (DA SILVA *et al.*, 2020).

A aprendizagem está ligada ao desenvolvimento do cérebro, que é moldado pelos estímulos do ambiente e, ao aprender algo novo, os neurônios formam novas sinapses, tornando-as mais "intensas" e criando circuitos capazes de processar informações e armazená-las, portanto, é fundamental entender como o cérebro funciona para ajudar os alunos a aprender de forma mais efetiva (POLETTI; SILVA, 2022).

Para que haja uma aprendizagem efetiva, os especialistas da educação devem estar não só capacitados, mas também dispostos a trabalhar de maneira diferenciada com os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, no entanto, ainda há, por parte dos responsáveis, um "bloqueio" para o diagnóstico desses alunos, o que dificulta o trabalho do profissional da educação (DA SILVA; ALVES; SOARES, 2022).

O professor, por sua vez, tem a capacidade de perceber e intervir na educação do aluno, mesmo que a família não reconheça um possível problema que a criança possa ter, ao visualizar essas características, o profissional da educação pode estabelecer situações que estimulem o aluno, não somente com atividades, mas também com o convívio e a interação com os outros (SOARES, 2020).

Na educação inclusiva, a atividade educacional do professor é permeada pela concepção de emancipação a ser alcançada pelo próprio aluno. Desta maneira, jamais cabe ao professor definir o ponto de chegada, mas sim oferecer ao aluno instrumentos para que ele próprio desvende seu caminho, desvencilhando possíveis entraves e superando seus próprios limites (FREITAS; MONTALVÃO, 2021).

O professor tem a responsabilidade de desenvolver a compreensão das palavras, frases e textos lidos, além de estimular as habilidades de escrita e manipulação dos sons e fonemas do idioma, por meio da consciência fonológica e consciência fonêmica, o papel do professor como mediador é fundamental, e não aquele que impõe, mas sim aquele que abre um leque de possibilidades emancipatórias, estimulando o aluno a caminhar com seu próprio esforço em contexto coletivo na classe escolar (SANTANA; BEZERRA; COSTA, 2022).

O vínculo afetivo e a motivação são essenciais para a inclusão com qualidade, e o professor deve buscar manter contato visual com o aluno, estimular a comunicação, propor atividades inclusivas com toda a turma, propiciar e mediar às brincadeiras entre o grupo, usar sempre uma linguagem simples, clara e firme. O professor deve utilizar todos os recursos disponíveis, observando os interesses da criança e utilizando-os como motivadores para facilitar a aprendizagem (XAVIER, 2023).

Para trabalhar com crianças autistas, o professor deve entender como elas aprendem, visando uma interação no mundo do autista. Estímulos auditivos, visuais ou táteis podem ser muito reforçadores para essas crianças, controlando e prendendo sua atenção durante as atividades. O uso de materiais adaptados é fundamental para ajudar a criança a ficar atenta e realizar as atividades com motivação e atenção, sem a ajuda intrusiva do professor. A integração dos profissionais que atuam no atendimento especial da criança com transtornos é importante para garantir a segurança dos professores, dos alunos e de seus familiares, proporcionando uma melhor qualidade de atendimento na inclusão do aluno no ensino regular (CRUZ, 2022).

O trabalho com alunos autistas exige um olhar diferenciado por parte dos professores, que devem se empenhar em conhecer cada aluno individualmente e promover atividades inclusivas e significativas, isso requer uma abordagem individualizada e colaborativa, envolvendo especialistas, familiares e demais profissionais da escola, com comprometimento, dedicação e sensibilidade, é possível promover uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades (XAVIER, 2023).

3.4.1 Parceria com a Família e Profissionais da Saúde

A Alfabetização é um processo fundamental na vida de qualquer criança e, para aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a parceria entre a família e profissionais da saúde pode ser ainda mais importante e, a comunicação constante entre pais, professores e profissionais da saúde é essencial para identificar estratégias de ensino individualizadas e eficazes para a criança, permitindo que ela aprenda da maneira mais adequada para suas necessidades específicas (SERRA, 2020).

A inclusão da família no processo de alfabetização é igualmente importante, os pais podem fornecer informações valiosas sobre as necessidades e preferências de seus filhos, além de oferecer suporte e incentivo em casa. É importante que os pais recebam orientações e materiais para ajudar seus filhos a continuar aprendendo em casa, para que possam continuar o progresso iniciado na escola (XAVIER, 2023).

Profissionais da saúde, como psicólogos e terapeutas ocupacionais, também têm um papel crucial na alfabetização de crianças com TEA. Eles podem fornecer avaliações e recomendações específicas para ajudar a adaptar o ensino às necessidades individuais da criança e, podem ajudar a identificar e tratar quaisquer dificuldades específicas que a criança possa ter, como problemas de processamento sensorial ou motora (PASINATO, 2022).

A comunicação regular entre todos os envolvidos no processo de alfabetização é crucial. Os professores podem informar aos pais sobre o progresso da criança na escola e recomendar atividades específicas para que os pais possam continuar a apoiar o aprendizado em casa. Os pais, por sua vez, podem fornecer feedback sobre o que funciona melhor para seu filho e informar os profissionais de saúde sobre quaisquer preocupações ou dificuldades que a criança esteja enfrentando (DOS SANTOS, 2022).

A colaboração entre os diferentes profissionais da saúde é fundamental para garantir que a criança receba um tratamento abrangente e integrado. Por exemplo, um terapeuta ocupacional pode trabalhar com um fonoaudiólogo para ajudar a desenvolver habilidades de linguagem e comunicação, ao mesmo tempo em que melhora a coordenação motora fina (DA SILVA; ALVES; SOARES, 2022).

É importante reconhecer que cada criança com TEA é única e que diferentes abordagens de ensino funcionarão para diferentes crianças. Ao trabalhar em parceria com a família e os profissionais de saúde, é possível identificar estratégias eficazes e adaptáveis que podem ajudar a criança a ter sucesso em sua jornada de alfabetização. A parceria entre todos os envolvidos é fundamental para garantir que a criança alcance todo o seu potencial (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

Por isso, é importante que os pais e os profissionais de saúde estejam atentos às necessidades individuais de cada criança com TEA e que trabalhem juntos para desenvolver estratégias de ensino personalizadas e eficazes. Isso envolve a observação cuidadosa das habilidades e interesses da criança, bem como a

identificação de quaisquer dificuldades específicas que ela possa ter (ALMEIDA; RIBEIRO, 2022).

É fundamental que a Alfabetização seja vista como um processo contínuo e em constante evolução. É importante que os pais e os profissionais de saúde não tenham expectativas irreais em relação ao ritmo de progresso da criança e estejam dispostos a fazer ajustes nas estratégias de ensino conforme necessário. A jornada de Alfabetização pode ser longa e desafiadora, mas com paciência, dedicação e parceria, a criança pode atingir todo o seu potencial (BARRETO, 2021).

A parceria entre a família e os profissionais de saúde é fundamental não apenas para o sucesso da alfabetização, mas para o desenvolvimento geral da criança com TEA e, ao trabalhar juntos, consiste em ser possível criar um ambiente de apoio e incentivo que ajuda a criança a desenvolver habilidades importantes, melhorar a comunicação e interação social, e alcançar todo o seu potencial (GUEDES; FERREIRA, 2021).

3.4.2 Avaliação e Monitoramento do Processo de Alfabetização

A avaliação e o monitoramento do processo de alfabetização são fundamentais para garantir o sucesso da aprendizagem das crianças, especialmente aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e, expressa ser fundamental reconhecer que cada criança é única e pode apresentar desafios específicos em seu processo de aprendizagem, portanto, é essencial avaliar o progresso individual de cada criança e adaptar as estratégias de ensino para atender às suas necessidades específicas (KRAMER, 2019).

A avaliação deve ser contínua e sistemática, permitindo que o professor identifique as habilidades de leitura e escrita que a criança já possui e aquelas que precisam ser desenvolvidas e, a avaliação pode ajudar a identificar dificuldades específicas que a criança pode estar enfrentando e que precisam de intervenção individualizada (PASQUIM, 2022).

É importante lembrar que a avaliação não deve ser vista apenas como uma forma de medir o desempenho da criança, mas sim como uma oportunidade de identificar e modificar estratégias de ensino que não estão funcionando. Quando um aluno não está progredindo como esperado, a avaliação pode ajudar o professor a entender as razões por trás dessa falta de progresso e a adaptar as estratégias de

ensino para atender às necessidades específicas da criança (VERDAM; AVELINO, 2021).

É importante reconhecer que a alfabetização é um processo contínuo e que as crianças com TEA podem precisar de mais tempo e suporte para alcançar as habilidades necessárias. É crucial garantir que o processo de alfabetização continue mesmo após o desenvolvimento das habilidades básicas e, isso envolve fornecer as oportunidades para a prática regular da leitura e escrita e para a construção gradual do vocabulário e da compreensão de conceitos mais complexos (MACIEL; CASTANHEIRA; MARTINS, 2018).

O monitoramento regular do progresso da criança pode ajudar a garantir que ela continue a avançar em seu aprendizado e que quaisquer dificuldades possam ser identificadas e abordadas o mais cedo possível. O professor pode utilizar várias estratégias de monitoramento, como a observação direta, avaliação de tarefas escritas e orais e testes padronizados (BIANCHI; LEPRE; CAMPANHARO, 2022).

No entanto, é importante lembrar que a avaliação e o monitoramento não devem ser realizados isoladamente. Em vez disso, devem ser integrados em um processo contínuo de ensino e aprendizagem que se adapte às necessidades individuais de cada criança. Os professores devem trabalhar em colaboração com outros profissionais de saúde e educação, pais e cuidadores para garantir que o processo de alfabetização seja abrangente e eficaz (FREITAS; MONTALVÃO, 2021).

A Alfabetização é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças com TEA. Ao garantir que essas crianças tenham acesso a um processo de alfabetização eficaz e adaptado às suas necessidades, estamos contribuindo para a promoção de sua autonomia e independência, bem como para o seu sucesso escolar e social a longo prazo (POLETTTO; SILVA, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar dificuldades em adquirir habilidades linguísticas e sociais, mas quando participam de programas intensos de educação, é possível observar melhorias significativas em sua linguagem, habilidades motoras, interação social e aprendizagem e, para que as crianças autistas possam participar ativamente das aulas, é importante estimular sua interação com os outros alunos e traçar estratégias para que eles não apenas estejam presentes na sala de aula, mas participem ativamente das atividades.

A inclusão não se trata somente de levar crianças e jovens com deficiência para a escola, mas de garantir que eles sejam efetivamente incluídos na sociedade como um todo. Isso significa viver com dignidade e exige que a sociedade como um todo seja educada, para que possam ocorrer trocas, respeito, valores e outros aspectos importantes para a vida em comunidade.

A inclusão é um processo que amplia a participação de todos, respeitando suas singularidades, esse é um caminho desafiador para a formação de cidadãos educados e preparados para uma sociedade sem discriminação e, inserir uma pessoa com deficiência na sociedade não é uma tarefa fácil. É necessário tomar diversas ações, incluindo educação familiar, educação escolar e acesso a espaços públicos, bem como outras redes de apoio para envolver, promover e garantir a integridade desses indivíduos juntos aos demais.

As atividades que integram a Alfabetização e o Letramento devem ser planejadas para estimular os alunos autistas a se comunicarem espontaneamente e a estabelecerem relações naturais com os outros alunos, para que possam se sentir parte da comunidade escolar, a aprendizagem dos alunos autistas pode ser mais lenta do que a dos outros alunos, portanto, os professores devem adequar as atividades às suas necessidades para que não se sintam deslocados, mas sim membros ativos da comunidade escolar.

É importante que os professores trabalhem em colaboração com especialistas para planejar e executar atividades significativas para os alunos autistas, a fim de incentivá-los a acompanhar o ritmo dos outros alunos, para promover uma aprendizagem satisfatória, é fundamental que os professores levem em consideração o perfil social, físico, cognitivo e emocional de cada aluno, e trabalhem para promover

uma relação de confiança e troca, onde possam realizar um trabalho sério e comprometido com a liberdade de expressão.

É fundamental que os professores tenham uma compreensão clara do TEA e suas características, para que possam adaptar a sua abordagem de ensino e atividades em conformidade, os professores também podem se beneficiar ao se familiarizar com as ferramentas e recursos disponíveis, como tecnologia assistiva e materiais de ensino personalizados, também é importante que os professores trabalhem com os pais e cuidadores dos alunos autistas para garantir que haja consistência e continuidade no apoio à criança tanto na escola quanto em casa, a colaboração entre os pais e professores pode ser um fator chave para o sucesso do aluno autista na escola e, o objetivo é criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor para todos os alunos, independentemente de suas diferenças. Ao trabalhar em conjunto com especialistas, pais e cuidadores, os professores podem ajudar os alunos autistas a se sentir valorizados, respeitados e apoiados em sua jornada de aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, M. F. B.; DE ALMEIDA, P. C. A. Formação de Professores no Brasil e na América Latina na perspectiva da educação inclusiva. **Revista Formação em Movimento**, v. 2, nº 4, p. 575-596, 2020.
- ALMEIDA, I. C. A.; RIBEIRO, S. L. Alfabetização de alunos com TEA: a centralidade nas diferenças e potencialidades do sujeito. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 13, nº 26, 2022.
- BARCELLOS, L.; COELHO, G. R. G. R. Formação de professores de ciências, práticas pedagógicas e alfabetização científica humanizadora. **Formação em Movimento**, v. 4, nº 8/9, p. 383-404, 2022.
- BARRETO, M. F. Alfabetização e letramento de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Revista Amor Mundi**, v. 2, nº 4, p. 45-56, 2021.
- BIANCHI, V. A.; LEPRE, R. M.; CAMPANHARO, A. S. A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)**, nº 2, 2022.
- BORDIGNON, L. H. C.; PAIM, M. M. W. **Alfabetização no Brasil: um pouco de história**. 2017.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB. 9394/1996, Saraiva: São Paulo, 1996.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Política Nacional de Alfabetização**. 2019. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/>. Acesso em: 14/04/2023.
- BRITES, L.; BRITES, C. **Mentes únicas: Aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial**. Editora Gente Liv e Editora Ltda. 2019.
- CRUZ, S. A. P. Educação inclusiva e autismo: teoria e prática para o processo de alfabetização: Autismo. **Caderno Intersaberes**, v. 11, nº 32, p. 61-77, 2022.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.
- DA SILVA BALBINO, V.; DE OLIVEIRA, I. C.; DA SILVA, R. C. D. As tecnologias digitais como instrumentos mediadores no processo de aprendizagem do aluno com Autismo. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, nº 3, p. 1-18, 2021.
- DA SILVA, C. A. *et al.* Desafios da docência no processo de alfabetização dos alunos com necessidades educacionais especiais. **Research, Society and Development**, v. 9, nº 9, 2020.

DA SILVA, J. P. A.; ALVES, P. S. D.; SOARES, Z. C. B. A formação do professor no âmbito do Serviço de Atendimento Educacional Especializado. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, 2022.

DE ARAÚJO, J. B. O Autismo no Brasil: no processo histórico, inclusivo e terapêutico. **Educação em Foco**, p. 29, 2021.

DE CARVALHO FERREIRA, F. M. E.; DE SOUZA, D. Q. M. Políticas públicas de Educação Especial no Brasil e seus desafios para a efetivação da inclusão escolar dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista no contexto da pandemia do covid-19. **Sala 8: Revista Internacional em Políticas, Currículo, Práticas e Gestão da Educação**, v. 1, nº 3, p. 45-62, 2022.

DOS SANTOS, A. C. P. Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil: a importância docente. **Revista Científica FESA**, v. 1, n. 14, p. 03-14, 2022.

DAMASCENO, A. R.; CRUZ, I. D. Inclusão em educação e a formação de professores em perspectiva: entre velhos dilemas e desafios contemporâneos. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade-REED**, v. 2, nº 3, p. 71-88, 2021.

FILTRO, A. **Teorias e abordagens pedagógicas**. Senac, 2018.

FOCHEZATTO, R.; DE OLIVEIRA SCHERER, A. P. Título das habilidades socioemocionais na educação infantil: relações subjetivas. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Xanxerê**, v. 6, p. e29682-e29682, 2021.

FRANCIOLI, F. S.; DE BRITO SOBRAL, D. P. A educação no Brasil à luz do método pedagógico dos jesuítas. **Notandum**, n. 56, p. 77-96, 2021.

FREITAS, M. C. M. A.; MONTALVÃO, D. C. P. Desafios na Alfabetização de crianças com TEA. **REVISTA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO**, v. 6, nº 1, 2021.

GUEDES, G. B. B.; FERREIRA, V. L. C. Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Científica BSSP**, v. 1, nº 2, p. 0-0, 2021.

GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais**. Autores Associados, 2022.

KRAMER, S. Alfabetização: dilemas da prática. **Revista Brasileira de Alfabetização**, nº 9, 2019.

MACIEL, F. I. P.; CASTANHEIRA, M. L.; MARTINS, R. M. F. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Autêntica, 2018.

MELIM, A. P. G.; ALMEIDA, O. A. Políticas públicas, formação de professores e práticas de alfabetização e letramento: o curso de especialização em docência na educação infantil. **Laplage em revista**, v. 4, nº 2, p. 133-141, 2018.

MARCHI, L. P.; ESTREMOTE, M. A.; MALFARA, F. K. S. Sistema de aprendizagem para alunos com autismo na Educação Infantil: Espectrau. **Anais do fórum de iniciação científica do UNIFUNEC**, v. 13, nº 13, 2022.

PASINATO, D. F. Educação especial na perspectiva da educação inclusiva a partir da formação dos docentes. **Instituto Federal do Espírito Santo Campus Itapiúna**. 2022.

PASQUIM, F. R. **Antonio da Silva Jardim na história do ensino de leitura e escrita no Brasil**. Editora Oficina Universitária, 2022.

PEIXOTO, P. A. B. *et al.* 24. Alfabetização e letramento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Philologus**, v. 28, nº 84 Supl., p. 317-30, 2022.

POLETTI, L.; SILVA, A. C. S. A formação do professor no contexto da educação inclusiva. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 1, nº 34, p. 65-83, 2022.

RONDINI, C. A.; MARTINS, B. A.; DE MEDEIROS, T. P. T. Diretrizes legais para o atendimento do estudante com altas habilidades/superdotação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 15, 2021.

SANTANA, T.; BEZERRA, R.; COSTA, A. Formação docente e inclusão: caminhos de construção. **Revista de Ciência e Tecnologia da Região Norte**, v. 8, nº 1, p. 96-101, 2022.

SERRA, D. Alfabetização de alunos com TEA. **AUTISMO: Caminhos para a Inclusão**, p. 135, 2020.

SEWALD, S.; PORTELINHA, Â. M. S.; ROCHA, M. M. A formação de professores e a organização do trabalho pedagógico: desafios para educação dos alunos com TEA. **Questio-Revista de Estudos em Educação**, v. 25, 2023.

SOARES, M. **Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020

TEIXEIRA, L.; DA SILVA, T. Os discursos da política nacional de alfabetização e suas representações. **Revista Brasileira de Alfabetização**, nº 15, p. 135-149, 2021.

VERDAM, L. L.; AVELINO, W. F. Alfabetização e letramento: no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Principia-Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, nº 55, p. 77-85, 2021.

XAVIER, M. V. Escolarização de alunos com transtorno do espectro autista: desafios e possibilidades. **Repositorio de Tesis y Trabajos Finales UAA**, v. 1, nº 1, 2023.